

O SAPO

Scannario litterario e humoristico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO III

Redacção
RUA 15 DE NOVENBRO, 51

Curityba, 6 de Março de 1900

Assignaturas
TRIMESTRE 3\$000
Pagamento adiantado

Nr. 9

1898

HOMENAGEM

1900



Loiso Junior

A' Imprensa



Leocadio Corrota

A's Associações

Aos distinctos collaboradores

E



Gabriel Nhoiro

Aos fundadores
que fulguram
nesta pagina de
HONRA



Thales Saldanha

SALVE! 6 DE MARÇO



MUSA PARANAENSE

ALALIA

Quo a todos dizer aquillo que os comova...
Mas — alalia cruel, ó sorte dura e avara!
Tento o embalde... parece a infecundia do Sahara
Trago dentro do craneo — esta gelida cova...

Ha quem saiba dar vida ao marmor de Carrara;
Ha quem possa fazer com que a pedra se mova...
Mas, á açáo do pensar, o rosto se me encova,
O supplicio feroz, dor tantalica e amara!

Resta apenas, no imo, a incoercivel magoa.
Se, muita vez, almejo exprimir esta fragoa,
Este ardente sentir que no meu peito lavra...

Se muita vez almejo... A terrivel serpente
Da implacavel mudez me estrangula a palavra...
Oh! feliz o que logra extenhar, o que sente!

Aluistides França.



IDEAL DE UM FAUNO

Ah! quem me dera quando passa em meu caminho
Juno! com seu andar de nevoa que fluctua,
Poder despil-a dessa tunica de linho...
E vê-a nua!... Eu só comprehendo estatua nua!

Nua!... essa corça nua é branca e é como a lua.
Ser eu Apollo! embriagal-a do meu vinho!
Porém se estendo no ar os meus braços, recua.
Esquiva a Dama apressa o passo miadinho...

A Dama foge, não deseja que eu avance..
Mas vae atraz um gamo, em vendo-a, de relance,
Por entre os choupos a querer sugar-lhe o mel...

Despe-a, carrega-a assim despida para o leito...
E nua em flor! ó como um satyro perfeito,
Sobre o feno viola essa Virgam cruel!

Emiliano Perrotta.

A PAZ

A Paz tem no semblante o são carinho
Que tem no doce olhar o Nazareno:
O Genio, ella transforma, — o mais daminho —
Em Genio bom, n'um carinhoso aceno...

Onde ella estende o manto de alvo linho
— Lyrio que tremeluz calmo e sereno —
Floresce um coração de branco arminho
Na entranha d'uma pedra de veneno!...

Um abutre transforma em um pombinho
Que arrulha no pombal em suave threno
Como a rêa nas margens do caminho.

— Rosa do casto seio d'um anjinho!
— Santa que faz do mar um lago ameno!
— Deusa que faz do mundo argenteo ninho!

Generoso Borges.



AGOURO

Dormi. Em breve contemplei em sonho,
Toda a celeste aboboda encobrinde,
Uma trevosa nuvem, de medonho
Aspecto, e vulto illimitado, infindo!

A' principio tremi; porem, risonho
Vi logo após, de todo se extinguindo,
A mesma nuvem já sem ar tristonho
Mostrai o céu muito sereno e lindo.

— Tu, que este caso me ouvirás attenta,
Mulher! pensa no amor que nos captiva,
— Outro céu que na terra nos alenta.

Não busques nunca annuviar-o, esquiva;
Pois não me viras a alma somnolenta
Sair deste outro somno reditiva!

Picardo de Lemos.

MAIS UM ANNO

Que a Fada azul, a perolina protectora virgem dos que amam e dos que sonham, illumine, com o fulgôr scintillante do seu olhar, perfume, com o calido aroma do seu sorriso, o dia em que, ha dois annos exactos, esvoaçou, pelo ceruleo zenith do ideal, o numero primeiro do «SAPO».

Bemdito sejas, 6 de Março, aureo marco erguido no cyclo sempiterno dos tempos, fulgente estrela d'alva de toda uma mocidade ungiada nas áras limpidas da Arte Nova!

Sejas bemdito, biennio augusto, indice luminoso do bem e da verdade, flammula multicolor suspensa do Sinai inviolavel do pensamento, crepuscular vesper symbolica dos derradeiros dias do seculo, —bemdito sejas!

Essa é a nossa saudação; singella como a verdade, —mas como ella sincera e pura.

Nada mais poderíamos dizer, quando, superior á nossa humilima penna, apresenta-se o periodo soberbo d'esses dois annos de luctas continuas e de triumphos gloriosos.

O que tem sido o ruidoso orgão da mocidade que estuda, não poderá ser dito por nós, como não poderá sel-o por contemporaneo algum; a sua missão já pertence ao dominio da historia, —a posteridade que a julgue.

Nosso dever é outro; superior e alheio á preocupação com o juizo dos que não de vir; nosso dever é trabalhar, trabalhar sempre.

Não nos recompensam hoje? Não importa; seremos recompensados amanhã, quer se queira, quer não.

Porque? Porque cumprimos o nosso dever.

Nada ha mais lisongeiro, mas tambem nada ha mais perfido, mais ingrato que a contemporaneidade.

Na obra de todo homem, —escreve abalisado pensador deste seculo, —ha uma parte de marmore, que é o monumento construido pelo seu espirito, e ha uma parte de madeira, que é o revestimento dos arcaimes em que trabalhou a sua personalidade. A morte descorjuncta os madeiramentos e põe á nu a pedra. A irreverencia pode prejudicar a popularidade dos vivos, não pode nunca attingir a gloria dos mortos. Por isso perante a vida se

deve pedir benevolencia, perante a morte não se deve aceitar sinão a verdade. Que intervenha ou que não intervenha o respeito no julgamento das que deixaram de existir, é coisa indifferente; —o que na obra d'elles era tranzitorio—cae, o que era definitivo—fica.

O segundo anno de uma existencia espinhosa, porém util, enflora, entusiastico, o gracioso hebdomadario das letras paranaenses.

Esse acontecimento, que constitue uma das mais honrosas tradições de nossa terra, não pode passar para nós, —os moços de hoje, —no silencio esteril e frio da indifferença.

Por isso, quando os dias da nossa mocidade forem longe; quando o sol das nossas esperanças tombar, saído e triste, nas bandas sombrias do poente, não poderemos jamais esquecer estes nomes, —estão triumphalmente illuminados no arrebol mortico do occaso, —este quadrumvirato eleito que os posteros coroarão de gratidão e respeito:

LÉOCADIO CORREIA
GABRIEL RIBEIRO
LEITE JUNIOR
THALES SALDANHA.

Hyppolite Pereira



A «O Sapo»

Toma, Sapo, este rosario
De perolas e coraes
Pra figurar nos annos
Deste teu anniversario.

Dentro deste meu peito estava tudo morto!...
—Sangue frio de neve e o coração parado—
Pedia em balde a Deus um raio de conforto
E via tào sómente aolongo um céu nublado.

Nem um friso de luz vinha deixar-me absorto
Fitando aquelle mar por mim tanto sonhado,
Mas ia navegando em busca de algum porto
Onde existisse um céu luzente e constellado.

E fui sempre á mercê da lugubre corrente
Assim como quem vae em luto, espectralmente,
A chorar e a gemer no mar dos dissabores...

Alfim cheguei ao porto!...ô que feliz portento!...
—Noespaço fluctuava o Sapo (não invento!...)
Por entre arcos triumphaes de estrelas e de flores!

6—Março 1900.

Sonrrosa Borges

6 DE MARÇO



Sapo entra hoje, em meio de flores e de hymnos alacres, no seu terceiro anno de vida, tendo sabido manter-se, até aqui, numa linha de correcção inatacavel.

Quem sabe o que isto de imprensa é, sobretudo num meio como o nosso que — digamol-o francamente — é muito acanhado, reconhecerá para logo quanto ha luctado este semanario para que o não tenham attingido e vulnerado os insidiosos golpes que, das trevas e á socapa, lhe têm sempre vibrado os nullos que, quacs reptis, vivendo ou vegetando em lobregos esconderijos, temem e odeiam a luz como um supremo mal.

O Sapo é hoje um victorioso, um luctador inexpugnavel; e, tendo ganhado a culminancia da montanha de obices que se lhe depararam em sua carreira de pugile incipiente, elle tem o direito de apurmar-se altivamente e, do alto do solio da Victoria, psalterisar um canto triumphal e anacletico, que rebõe como uma consagração apothética...

Eu, de envolta com as saudações sinceras que hoje dirijo á brilhante folha semanal, de que tenho sido um constante collaborador obscuro, não posso deixar de homenagear tambem ao Leocadio Correia, amplexando-o effusivamente, porque elle, — todos o reconhecem — ha sido o exclusivo baluarte do Sapo.

Salve!

A. Franca

Ao «Sapo»

Hoje, pela manhã, a immensa e insana Alegria invadió a mim e a tudo
Que me cercava...E' já passado o estrudo,
E, todavia, o jubilo espadana...

Em tudo o riso a cascadear, — a insana Gargalhada a resoar em tudo...
Como se inda estivesse em franco estrudo
O alegre povo...E o jubilo espadana...

Oh! na quaresma, emquanto as almas pias Elevam preces ás mansões ethereas,
Porque tanta loucura e taes folias,

E essa alegria audaz que das Imperias Lembra e recorda os festivos e orgias?

—Psalmo que eleva o Sapo ás regiões sidereas.

J. Chantre



IMPRESSORA PARAMAENSE

A musical score for piano, consisting of four systems of music. Each system has a treble and bass clef. The first system is in 2/4 time and starts with a forte (f) dynamic. The second system is in 2/4 time and starts with a piano (p) dynamic. The third system is in 2/4 time and starts with a piano (p) dynamic. The fourth system is in 2/4 time and starts with a piano (p) dynamic. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.

First system of musical notation, consisting of a treble and bass staff. The treble staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and moving lines.

Second system of musical notation, continuing the piece. It features a repeat sign in the first measure of both staves, followed by further melodic and harmonic development.

Third system of musical notation, showing a continuation of the melodic and harmonic themes established in the previous systems.

Fourth system of musical notation, featuring more complex rhythmic patterns and chordal structures in both staves.

Fifth system of musical notation, with a focus on the bass line's rhythmic accompaniment and the treble staff's melodic flow.

Sixth system of musical notation, showing a variety of chordal textures and melodic motifs.

Seventh system of musical notation, the final system on the page. It includes first and second endings marked with '1a' and '2a' above the treble staff. The piece concludes with a double bar line and the initials 'D.C.' (Da Capo) at the bottom right.

Saudação



«O Sapo» é a Concha de Saphira que conduz a Mocidade estudiosa por sobre o mar erêspo do Sonho.

Quando do tempo o marco scintillante
Vem uma data de florões bordar,
Desprende o céu um riso exuberante
Que faz sonora a voz do glauco mar.

.....

—Tempo que tens a palpebra dançante
E tudo vês com magestoso olhar,
Porque me deixas sempre no semblante
A imagem da tristeza tumular?..

Não vês que eu tenho um coração rosado
Que tudo quer quando um florão bordado
Vem apontar-me a luz d'um santuario?

.....

Deixa-me pois brandir a minha lyra
Para saudar a Concha de Saphira
Que hoje festeja o seu anniversario.

6—Março—1900.

Generoso Borges.



SONETO

A imprensa é como o sol, tudo illumina:
Ao seu calor a idéa, que é um arbusto.
Faz-se arvore titanea, e o tronco augusto
A tormento—opressão—jamais se inclina.

E' da justiça escudo soberano:
Baluarte da lei, é o rosto erguido
Em que a justiça vingá-te, opprimido,
Em que o direito esmagá-te, tyranno!

Do progresso é a enorressima alavanca
Que ao mal, á servidão, do erro tranca
A pavorosa estrada de negroses.

E' excelso o Girardin que ahí labora:
Nesse fóco de luz de grande aurora,
Oh! mocidade, vos atiro flores.

Antonio Camargo.

Apparição

Havia como que uma sombra phantastica, lá ao longe, no horison-te verde-negro, sombra que ia lentamente, derramando uma tristeza ignota pelas fendas floridas da floresta estensa.

Vagavam borboletas tristes, pardas e negras, trementes, como assustadas, pelos recantos silenciosos onde as cigarras estalavam.

Era uma penumbra agourcira, 6 de Março, sol nascendo, e tudo demonstrava uma tristeza abafada de logar dezerto.

Sombra phantastica!

Agitando os braços, alegremente, corria a Juventude.

—A' saudação! A' saudação!

E cortava a sombra triste n'um murmurio de cascata, riso e festa, alegres como quem triumphá, e o sol galgava mais um degráo, abafando aquella tristeza de logar dezerto!...

6 de Março! Correndo passa a festival cohorte, —triumpho— assim como quem gosa um sonho de ouro!

Papeis sobraçando, sol luzente, ruas em arcos, correm moços ariistas, joviaes sonhadores em flor, sorrindo:

—A saudação! A saudação!

Ramalhetes, rosas, fanfarra e luz! Gritos e hurrahs, alarme expressivo troando vivas!

6 de Março! um anno de sombras um anno de dor, um anno de luctas; victorias no Templo augusto da Arte, mocidade altiva! um anno, uma corôa...

Passava então cantando suave e ternamente, entre flores o hebdomadario que Deus mandara para vencer batalhas!... *O Sapo!*...

Pequeno, amarellecido ainda no verdor da existencia, cheio de esperanças, lançou a lança que o havia de glorificar e foi clarinando sempre, vencendo sempre, caminho da lucta a fóra...

O Sapo!... Allado e timido, voava cautamente para a Apotheose, e hoje, dois annos, ahí vêe elle sobre petalas de flores, caminho do Futuro afóra...

Nossas flores, nossos sorrisos, nossos abraços, 6 de Março!

L. TRADO.

LUCRECIO

LEÃO CORDEIRO

“O Sapo”

A' Leocadio Correia, Thales Saldanha e Gabriel Ribeiro.

Fra a hora solemne e magestosa do crepúsculo!

Os nossos corações entediados sentiam os effluvios balsamicos e dulcissimos do sopro electrico da ara do Sonho!

A *Via-lactea* da Arte tinha o aspecto convidativo que induz a alma soffredora á peregrinação Astral! A terra começava a asphixiar-se no vacuo e na escuridão do Nada indefinido. A Vida se extorcia n'um occaso de Trevas.

Sublime transfiguração!

Os mysterios synthetizadores do Sublime tiveram inicio nas nossas almas anhelantes de saber.

Partimos!

A santa cruzada do Ideal, era assignalada pela voz limpida e clara da nossa trompa de ouro — O Sapo!

O gargalhar imbecil, da vulgaridade parva, nos surpreendeu os primeiros passos, mas os Artistas que nos comprehendiram, saudaram a nossa passagem e nos indicavam, sorrindo, os porcos de Luz onde deveriamos tocar!

E hoje, porentre applausos justos, «O Sapo» galga mais um degráo da escada regia que nos conduz ao Sacratio da Arte!

Salve!

6-3-00.

Leite Junior



Salve!

Tempo!... Já lá se vão dous annos...

Lembra-me ainda. Achava-me na bella e pittoresca chacara, onde me fôra retemperar e recuperar as carnes, que eu perdêra em virtude de labores fatigantes, de enervantes vigílias...

Era a 6 de Março de 1895. O meu amigo *Simplorio*, que a esse tempo se achava no Jacarezinho, d'onde ha remettido bellas correspondencias cheias de um sil attico inimicavel e de um humo.ismo picante, ercrevêra-me aslinhas que seguem:

«Collega *Aquelle*, — Escreveu-me d. Berlinda, communicando-me a fundação, na cidade de Corityba, de um hebdomadario que tem o repugnante nome de *Sapo*. E' lit-

terario e humoristico e diz a minha amiga que elle está sob a redacção de rapazes que entendem do riscado. Acreditas, porém, que o tal *Sapo* conseguirá levantar-se do paúl em que sóe residir, e ter longa vida? Não creio. Os exemplos do prematuro fallecimento de semelhantes anemicos periodicos são innumeraveis. Entretanto peço a Deos que o *Sapo* viva, sempre correcto, trilhando a linha recta do dever. — Do teu *Simplorio*.» —

E vejo com prazer, que a prece que á Providencia elevou o meu amigo foi ouvida; pois o *Sapo* ahi está, vivido e forte, — columnas sempre enluaradas por bellos talentos de *élite*.

Saúda o *Sapo* o

AQUELLE.

Saudação

Fazem hoje dois annos que o «*Sapo*,» este arauto da mocidade Paranaense, desfraldando a sua bandeira de combate, surgiu na arena escabrosa da «*Imprensa*». Ovante e sobranceiro, tem elle sabido evitar os escolhos que ha par vezes deparado na sua honrosa e gloriosa senda do Ideal. Humoristico e litterario, se nos apresenta aos Domingos, sobraçando claque, e empunhando espada, de claque nos transporta ao sumptuoso portico do Sonho e brandindo a sua espada de critico sensato e observador astuto, espanta o fastidioso *spleen* que nos invade o espirito, apresentando-nos os typos exóticos que pullulam (semelhantes a vermes) pela nossa sociedade. Intelligencias lucidas e talentos cultos como os de Aristides França, o impeccavel burilador da phrase, Hyppolito Pereira, o Artista fidalgo, Virgolino Brazil, o torturado sonhador, Euclides Bandeira, o consummado rendilhador da forma, a intelligencia mais ampla do florescente «*Apostolado Litterario*,» Generoso Borges, publicista fecundo e ameno poeta, Santa Rita Junior, o sancionado prosador, e muitos outros talentosos collaboradores que hão conduzido no estrellante pallium da Litteratura, este espectavel batrachio. Saudando o «*Sapo*» pelo seu natalicio, auguro-lhe as conquistas de louros e victorias na senda do porvir como os que até hoje ha conquistado.

Curityba, 6, Março, 1900.

BENJAMIM LEITE.

Rima

(TH. BANVILLE)

efflorecido no numero commemorativo do 2º anniversario do «Sapo».

Bem rimar, é possuir todos os inexauriveis recursos do talento e do genio. Mas, que é a Rima, em si mesma? Consiste o seu poder magico, como se pensa, na escolha e no emparelhamento de duas palavras terminadas por consonancias eguaes? O' cegueira! Mas se assim fosse, todos rimariam igualmente bem, porquanto têm sempre á sua disposição esses vocabulos, que, primeiro, sabem de cor e, alem disso, lhes são fornecidos por todos os lexicos. Nem a questão é inteiramente essa. O que faz o genio da Rima, não é de modo algum escolher duas palavras de eguaes desinencias; é achar entre estas duas palavras uma relação viva, subita, precisa, engenhosa, decisiva, sublime de força, de espirito, ou de bom senso, ou de colera, ou de ternura blandidiosa, ou de dor, ou de alegria!

Ora é o que fornece, não algum lexico, mas uma alma casta, inflammada, vidente, humildemente abandonada ao delirio e á sabedoria da Musa.

Tenho-o dito algures, mas é uma historia-sinha que nunca se contaria demasiado: o maior de todos os rimadores, Victor Hugo, que tem piedade de todas as victimas, não só sêres e das pessoas, mas tambem das palavras e dos vocabulos desfavorecidos, apiedou-se um dia, quando escrevia *As Contemplações*, de uma rima que cahira até o ultimo gráo de aviltamento. E' a rima *Amour e Jour*, gasta pela incolor tragedia, deshonrada pelos romances, golpeada entre os jogos nos collegios de raparigas, adoptada, por causa de seu facil emprego, por todos os máos poetas, tornando-se mais vilipendiada e desdenhada que os Turcos das ruas e as cães que arrastam pingadouro em suas caudas. Pois bem, estas duas palavras, que formavam *un assemblage infâme*, elle achou o meio de as unir de novo, toda a vez que apparecessem, por taes relações imprevistas, luminosas, esplendidas, por taes cadeias de diamantes e de flores, que em seu livro desejar-se-ia apaixonadamente o seu regresso, tanto quanto outr'ora se temia e se odiava.

Aristides França.



Permuta de jornaes



Em permuta com o «Sapo» continuam a visitar-nos os seguintes jornaes :

PARANA'

«O Painei» de Castro.—«A Aurora do Evangelho» de Castro.—«O Pharol» de Castro.—«Folha Nova» da Lapa.—«A Luz» de Corityba.—«Oito de Dezembro» de Corityba.—«Club Coritybano» de Corityba.—«Tribuna do Paraná» de Corityba.—«O Beijo» de Corityba.—«A Estrella» de Corityba.—«O Operario» de Corityba.—«OMunicipio» de Corityba.—«A Impressora» de Corityba.—«O Capelista» de Antonina.—«O Paraná» de Guarakessaba.—«Paranaguá» de Paranaguá.—«O Brinquedo» de Castro.—«A Caridade» de Castro.—«A Doutrina» de Corityba.—«Azul» de Corityba.

SANTA CATHARINA

«A Republica» de Florianopolis.—«O Estado» de Florianopolis.—«Sul Americano» de Florianopolis.—«A Ideia» de Florianopolis.—«O Futuro» de Laguna.—«O Progreso» de Itajahy.

RIO GRANDE DO SUL

«O Fanal» do Rio Grande.—«A Fronteira» de Quarahy.—«O Jornal» de Uruguayana.—«O Estandarte Christão» de Porto Alegre.—«O Povo» de Uruguayana.—«A Farpa» de Porto Alegre.—«Canabarro» do Livramento.—«O Corymbo» do Rio Grande.—«O Orvalho» do Livramento.

SÃO PAULO

«O Sul de São Paulo» da Faxina.—«Correio de S. Carlos» de S. Carlos do Pinhal.—«A Folha» de S. Carlos do Pinhal.—«A Epocha» de Batataes.—«Tribuna Popular» de Itapetininga.—«O Commercio» de Dous Corregos.—«A Opinião» de Pirassununga.—«La Penna» de São Paulo.—«O Pinda» de Pindamonhangaba.—«A Arte» de Taubaté.—«A Justiça» de São Paulo.—«Republica» de Sorocaba.—«O Tieté» de Tieté.—«O Direito» de Pindamonhangaba.—«O Iris» de São Paulo.—«Novidades» de São Paulo.—«O Conselho» de São Paulo.—«O Commer-

cio» de Iguape.—«Revista Litteraria» de São Paulo.—«Revista do Brazil» de São Paulo.—«Correio Brotense» de Brotas.—«A Voz do Povo» de Taubaté.

RIO DE JANEIRO

«O Apostolo», «A Estação» (jornal de modas), «O Progreso» de Campos.—«O Districto» de Estação de Anta.—«O Bom Jardinense» de Bom Jardim.—«A Lavoura».

MINAS GERAES

«O Seculo» de Bom Successo.—«O Republicano» de Lavras.—«Gazeta de Guarará» da villa do Espirito Santo de Guarará.—«Cidade de Bomfim» da cidade de Bomfim.—«O Industrial» de Taboleiro Grande.—«Monitor Sul Mineiro» da Campanha.—«O Municipio» de S. João Nepomuceno.—«A Galhofa» de Bicas.—«Gazeta de Uberabinha» de Uberabinha.—«A Tarde» da cidade de Pomba.—«O Estudante» de Ouro Preto.—«Patria» Pouso Alegre.—«Cidade da Viçosa» da mesma cidade.—«O Oliveirense» de Oliveira.—«Papagaio» Lavras.—«O Juvenil» de Bom Successo.

CEARA'

«A Cidade» de Sobral.

BAHIA

«Leituras Religiosas» da Bahia.—«A Vida Valenciana» de Valença.—«O Combate» de Santo Antonio de Jesus.—«O Futuro» de Bomfim.—«A Tribuna» de Arcias.—«O Raião» de Alagoinhas.

PERNAMBUCO

«O Oriente» de Recife.

MATTO-GROSSO

«Villa de Miranda».

RIO GRANDE DO NORTE

«Oasis»

PARA'

«Pinsonia».

